

AS EMOÇÕES EM SALA DE AULA: UM RESGATE NECESSÁRIO À FORMAÇÃO DOCENTE

Joara Delane Sousa Ribeiro¹ (UFPI/ISA)

GT 02 – Formação de Professores

RESUMO

O objetivo do texto é fazer um resgate das emoções em sala de aula, visando a melhoria da formação docente. A discussão está balizada nos aportes teóricos da psicanálise no que se refere à construção do ego dos sujeitos envolvidos no processo ensino e aprendizagem em conceitos do cotidiano e não cotidiano de Heller (1970), Freire (1996) sobre os saberes necessários à docência e Carvalho (2002) sobre a formação de professores. A metodologia utilizada parte da vivência lúdica em sala de aula, onde observamos a percepção das emoções, a partir da sensibilização que resgate as emoções dos sujeitos do conhecimento. Os resultados da vivência apontam para a necessidade de se realizá-la contínua e coletivamente pelo corpo docente, uma vez que a construção crítica do conhecimento passa também pela construção das capacidades emocionais.

Palavras-chave: emoções, autonomia, relação professor-aluno, prática docente

Refletir e teorizar sobre a relação professor-aluno tem sido um desafio constante em minha prática pedagógica no ensino superior, e ainda, em pesquisa em escolas de ensino fundamental, fruto da dissertação de mestrado².

Compreender o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem na perspectiva da construção crítica do conhecimento, passa nessa abordagem, necessariamente, pelo olhar das emoções presentes na relação professor-aluno.

O presente texto anuncia uma experiência desenvolvida no ISA³ na turma do IV semestre com alunos do curso Normal Superior do ano de 2004. A vivência faz parte da metodologia de trabalho desenvolvida na disciplina estágio supervisionado I, ministrada por mim no 2º período desse ano.

É relevante dizer que essa experiência contempla ações já previstas e discutidas em reuniões com os docentes e coordenação. Portanto, faz parte de ações integradas voltadas a contribuir para o sucesso do processo ensino e aprendizagem. Desde o início desse ano tem-se atentado para a necessidade de propor ações pedagógicas que contemplem a demanda dos sujeitos envolvidos no processo. Nesse sentido é que foi elaborado o projeto interdisciplinar de formação continuada, que tem como tema em 2004: As diferentes formas de olhar e construir a identidade docente⁴.

¹ Mestra em educação pela UFPI, professora do ISA e da rede estadual de ensino, Teresina – PI.

² Esta dissertação tem como título: O elemento humano na relação professor-aluno: as relações construídas pelos sujeitos envolvidos nas práticas didático-pedagógicas – UFPI – 2004.

³ Instituto Superior de Educação Santo Agostinho da Faculdade Santo Agostinho – Teresina – PI.

⁴ Elaboração: Mestra Joara Delane Sousa Ribeiro e Especialista Maria Monteiro da Silva Ramos (psicopedagoga institucional e sociopsicomotricista Ramain-Thiers – FSA), com a participação de estagiárias do curso de Psicologia – FSA.

A abordagem metodológica na disciplina Estágio Supervisionado I: (Re)viendo as emoções

Em busca da compreensão do cotidiano estabelecido pela relação professor-aluno privilegiou-se o desenvolvimento de algumas atividades metodológicas em sala de aula, com a mediação da professora. O cotidiano é aqui ressaltado por entender-se que ao ensinar e aprender os sujeitos envolvem-se em múltiplas emoções, o que inclui a presença do elemento humano⁵. Todo esse processo está entrelaçado a situações de conflito e transformações próprias de dinamicidade da vida dos seres humanos.

Relevante nessa abordagem é destacar que seu objetivo centra-se na percepção, sob o olhar das emoções, da reelaboração dos processos cognitivos dos alunos e professores em busca da compreensão crítica dos conteúdos abordados nas diversas disciplinas.

A disciplina estágio supervisionado I possibilitou o estudo entre outros conteúdos, das competências e saberes necessários à docência, tendo em vista a compreensão e reflexão sobre a prática pedagógica. Para embasar teoricamente as discussões em sala de aula recorreremos às leituras de Paulo Freire (1996) acerca dos saberes necessários à docência; Celso Antunes (2001) sobre competências a serem desenvolvidas na escola e Rita de Cássia da Silva (2000), ao apresentar os conceitos de cotidiano de não cotidiano presentes na abordagem de Heller (1970).

Refletir sobre a necessidade do respeito, da ética, da humildade na docência e na discência esboçou-se como condição fundamental à compreensão do papel do aluno e do professor. Nesse sentido, Freire (1996, p.37) destaca:

Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador.

Ao assumir seus papéis, tanto professores como alunos percebem-se numa relação a ser (re)construída no cotidiano, pelo viés do não cotidiano.

O cotidiano apresenta situações que podem ser problematizadas, quando mediatizadas pelo não cotidiano, isto é, pelo processo de conscientização e reflexão das atividades dos seres humanos. O não cotidiano traz questões a serem discutidas, em função de transformações coerentes e necessárias a própria dinamicidade imposta pela relação construída entre os sujeitos. Encontramos em Heller (1970, p.20) uma citação que explicita essa relação:

As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças ao seu posterior efeito na cotidianidade.

⁵ O que constitui o elemento humano, nessa perspectiva, são as relações entre professores e alunos construídas ao longo do processo de ensino e aprendizagem, que é permeado pelo domínio de saberes de ambos os sujeitos. Saberes esses marcados por uma educação dialógica, o que pressupõe o respeito mútuo e a autonomia entre os sujeitos. Ribeiro (2004, p.12)

A própria relação professor-aluno; os conflitos, carências, desejos podem ser demonstrados em facetas das emoções e presentes no cotidiano dos sujeitos que apontam; embora às vezes tenha-se dificuldade de compreensão, para a própria análise das práticas pedagógicas, dos saberes utilizados na formação da docência; e, sobretudo, de como o não cotidiano é abordado na docência do ensino superior. Acerca desse último aspecto é relevante discutir que a produção do conhecimento científico, a teorização da prática decorre do processo de desalienação das próprias relações.

O processo de desalienação das relações constitui-se em um *contínuum*, faz-se no cotidiano dos sujeitos, apresentando-se como parte de um todo, de universo socioeconômico, cultural, histórico, da individualidade de cada um e da humanização dessas relações.

Desenvolver práticas pedagógicas voltadas a essa perspectiva apresenta-se no ISA como um desafio já iniciado. Sabemos, contudo que muito necessitamos aprofundar; são estudos e reflexões que buscam a compreensão crítica acerca do que se constitui a formação de um profissional reflexivo, capaz de rever sua própria prática à luz de teorias e do elemento humano. Assim concordamos com Demo (1997, p.85-86) ao enfatizar a pesquisa como elemento essencial a prática docente:

[...] Em vez de ser apenas intérprete externo do livro didático, o professor deveria ser o próprio livro didático, se fosse capaz de tornar-se criador da didática. Isso não dispensa o livro didático. Trata-se de conseguir convivência produtiva com ele, entendendo-se aí pesquisa sobretudo como diálogo com a realidade, recriado sempre pelo professor, com apoio do livro didático, que passa a ser referência relevante, nem mais, nem menos.

A pesquisa configura-se como ferramenta didática imprescindível à prática docente. Por seu intermédio o professor poderá despertar a curiosidade dos alunos, sua participação e envolvimento com seu aprendizado, visto que estará problematizando o cotidiano do próprio aluno. Nesse sentido destacamos a contribuição de Ribeiro (2004, p.66):

Ser professor exige humildade, porque é preciso aprender com os alunos, com suas experiências e histórias de vida. Para que este processo se construa, deve-se recorrer ao estudo, o que significa dedicar-se à atividade sistemática de reconstruir o saber. O saber pensar é o foco da atividade docente, uma vez que os conteúdos podem ser ultrapassados, mas ser professor é saber compreender as transformações, recorrendo-se a fundamentos críticos de teorias e metodologias.

Esse é um desafio para professores e alunos, necessita de busca, de elaboração própria e discussões coletivas.

A sala de aula: Local privilegiado das emoções, do ensinar e aprender como vivências que percebem o ser como humano.

A vivência aqui apresentada foi desenvolvida em sala de aula a partir da criação de uma situação de relaxamento e visualização criativa conduzida e mediada pela professora, a fim de que os alunos pudessem desprender-se de sua rotina e abrir seus canais de percepção, ativando sua memória para criar espaços sugeridos. Essa situação apresenta-

se como possibilidade para que os sujeitos vejam a si próprio e o outro com amor; tendo o acolhimento como condição para existência humana; o respeito na relação. Isso implica numa compreensão mais abrangente e crítica dos conteúdos trabalhados em sala; uma vez que o interesse em aprender passa a acontecer.

Compreendemos que ao perceber a sala de aula como local privilegiado do encontro e de conquistas pessoais e profissionais, seja possível realizar a construção crítica do conhecimento.

Durante toda a vivência o silêncio e o respeito mútuo estiveram presentes. Após o momento de relaxamento, solicitou-se que os alunos expressassem suas emoções por meio de desenhos e pintassem escolhendo as cores desejadas. Percebemos durante esse momento o envolvimento completo dos alunos; suas dificuldades, ansiedades, desejos afloraram como em crianças, isto é, esqueceram-se até certo ponto das censuras e dos medos de errar. Esse aspecto pôde ser percebido como satisfatório, uma vez que a participação evidenciou-se.

Foi instigante perceber as dificuldades de alguns alunos em desenhar, ou seja, expressar suas emoções. Assim foi necessário o estímulo constante, com a mediação docente.

Prosseguindo a vivência os alunos realizaram relatos de suas experiências e algo chamou bastante atenção: vários alunos comentaram de suas dificuldade de desprender-se dos problemas que vivenciaram ao longo do dia; a necessidade de serem acolhidos pelos colegas; os sentimentos de paz, alegria, acolhimento e união entre os colegas como uma experiência muito boa. Assim destacamos algumas falas:

– *Eu gostaria de falar algo engasgado há muito tempo.* (Elen Vânia)

– *Eu gostaria que aqui tivesse acolhimento.* (Ana Maria)

– *Nós estávamos precisando dessa experiência.* (Geórgia)

– *Professora, agradeço muito por esse momento, pois estava com a auto-estima lá em baixo.* (Ana Clara)

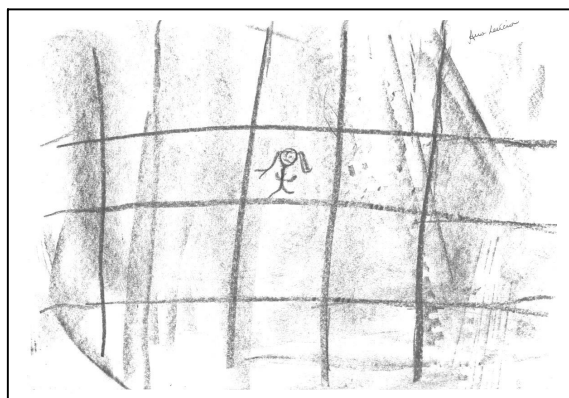
As falas são ricas em elementos de natureza emocional, o que em nossa compreensão demonstra a necessidade de se ter um olhar crítico voltado à formação docente numa perspectiva de investimento pessoal e profissional, que resgate a estruturação do ego⁶ dos sujeitos envolvidos no processo aprender e ensinar.

Em um segundo momento, foi aceita a sugestão do grupo; promovendo-se o que se chamou de acolhimento. Em círculo, as mãos dadas, o abraço, o olhar, a espontaneidade, liberdade de expressar as emoções consagraram o final da vivência.

Importante, ainda, foi observar os desenhos⁷ dos alunos e utilizá-los como ferramentas de análise que apóiam a compreensão das concepções de mundo e de relações construídas pelos alunos. Assim, destacamos os seguintes:

⁶O ego, o id e o super-ego fazem parte da estrutura dinâmica da personalidade abordada pela teoria psicanalítica, Freud (1969). O ego é regido pelo princípio da realidade, representa as experiências próprias do sujeito. Sua formação é aqui ressaltada devido a sua importância na construção das relações.

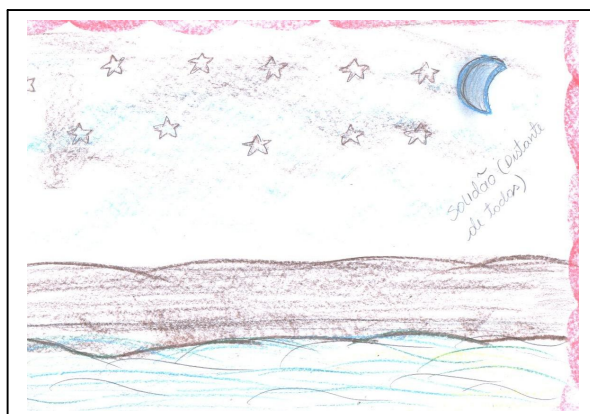
⁷ A análise dos desenhos teve a contribuição fundamental do arte-educador (UFPI), psicopedagogo (EPCE), psicomotricista (UECE) Genivaldo Macário de Castro. Esse trabalho foi realizado em um outro momento, após a aplicação da atividade. As análises coincidiram com os depoimentos realizados pelos alunos, o que instigou-me a continuar as reflexões em torno da necessidade de se ter um olhar atento às emoções como parte do trabalho em sala de aula.



Desenho 1: Aluna (Ana Maria)

O desenho apresenta uma figura humana no centro, ocupando o mínimo de espaço. A imagem representa uma menina em movimento, de braços abertos e pernas dando um salto. A menina encontra-se delimitada dentro de um quadrado que “parece” representar grades.

Interessante foi perceber uma certa resistência dessa aluna em elaborar seu desenho, organizando seu pensamento, posto que algo a inquietava. A escolha feita para pintar foi a cor preta, o que foi percebido pela aluna, que a relacionou com seu estado

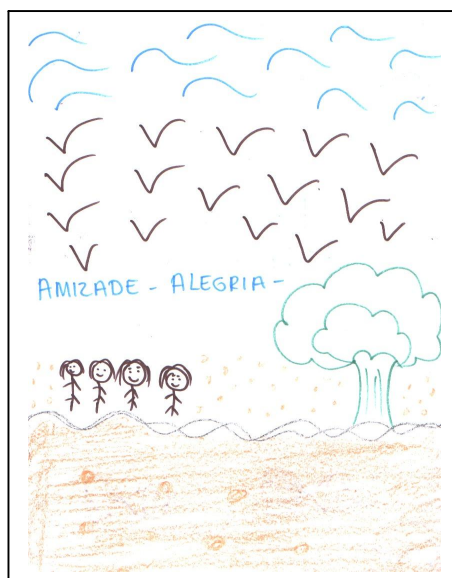


emocional.

Desenho 2: Aluna (Luana)

Neste desenho aparecem elementos da natureza (água, terra, estrelas, lua) e a total ausência de seres vivos. As figuras representadas aparecem sem movimentos. É uma representação de muito espaço sem ocupação de seres vivos.

Ao concluir esta atividade a aluna declarou sua dificuldade em ver a si e aos colegas. Apontando para a dificuldade de integração do grupo, o que já se esboçava como uma realidade posta em discussão entre professores e alunos.



Desenho 3: Aluna (Geórgia)

Este é um desenho com muitas representações de grupos, de nuvens, de pássaros e de pessoas. Apresenta-se uma paisagem rica, com base de terra sólida, árvore frondosa em um contexto de vários grupos isolados, sem integração entre si.

A aluna também apresentou um depoimento sobre a atividade. Disse que a turma estava necessitando de um momento de integração. O pensamento da aluna é demonstrado em seu desenho, posto não conseguir a integração entre os diversos grupos.

Os depoimentos, bem como a expressão dos alunos por intermédio dos desenhos trazem muitas contribuições para a compreensão dos desafios que se apresentam em sala de aula, são falas e expressões ricas de desejos, que muitas vezes tornam-se difíceis de elaborar conscientemente.

Os desenhos chamam atenção para a relação construída entre os sujeitos em sala de aula. Apontam para os movimentos de integração e coletividade como essenciais ao processo de construção da autonomia das pessoas. Essa compreensão implica a necessidade que se impõe a cada sujeito de ocupar seus espaços, o que implica, ainda, em perceber o outro na relação.

A ocupação dos espaços pressupõe a ação e interação dos sujeitos, demonstrando sua percepção de si próprio, do outro e do mundo, a partir de um olhar que está impregnado de suas concepções pessoais.

Nas aulas seguintes tivemos a oportunidade de verificar alguns resultados do trabalho desenvolvido, tanto com discentes como com docentes. Era importante perceber intencionalmente os resultados da nossa abordagem, isto é, a importância da dimensão humana na prática docente. Assim questionamos uma professora que ministrou aula após a vivência desenvolvida sobre sua aula naquela ocasião:

A professora Maria relatou:

- *Os alunos estavam calmos, atentos; consegui ministrar todo o conteúdo.*

Com estes resultados compreendemos que a ação docente deve ser contínua e em busca de resignificações da prática pedagógica, que resultem no enfrentamento de

questões norteadoras do processo ensino e aprendizagem. O que implica considerar que a prática pedagógica deve estar permeada por uma dimensão humana, própria das relações entre os sujeitos.

A atividade representou para minha prática pedagógica a sistematização de reflexões, discussões e observações já há muito iniciada em conjunto com discentes e colegas de trabalho. Traz, ainda, a possibilidade de reorganizar concepções sobre o fazer docente e de reelaborações acerca do ser docente.

Outras experiências foram realizadas ao longo do período, visando promover o sucesso da aprendizagem, utilizando-se sempre uma abordagem que privilegiasse o estreitamento da relação professor-aluno. O que percebemos é que a docência exige uma complexidade de ações, que envolvem uma formação técnica, política e humana. Carvalho (2000) colabora com nosso pensamento, ao compreender que a dimensão técnica, a dimensão político-social e a dimensão humana fazem parte de uma tríplice dimensão que contribui para melhorar o trabalho docente. Assim, destacamos o pensamento da autora:

Pode ser a partir daí que o professor comece um processo reflexivo sobre sua própria prática e sobre as condições dessa prática. Talvez seja a partir daí que ele aprenda a ver e a desvelar as contradições que se interpõem entre ele e o seu trabalho; passe a problematizar as situações e os constrangimentos difíceis de vivenciar e parta para encontrar as soluções dos problemas postos pela realidade. Carvalho (2000, p. 135)

Refletir sobre essas vivências e reorganizar minha prática pedagógica, buscando considerar o desenvolvimento de capacidades emocionais e não apenas cognitivas, tanto minhas como de meus alunos tem sido desafiador e enriquecedor. Lembramos agora um texto lido, por ocasião de uma aula de didática, o qual foi presente de uma colega de trabalho, alguém que também lida com constantes desafios. O texto é de Rubem Alves⁸ – O ipê e a escola – o autor cita Martin Buber, sobre a relação EU-TU, para referir-se a escola da ponte, em que estão presentes sujeitos ativos e atuantes. A leitura do texto levou-nos a seguinte reflexão: O que seria a experiência de ensinar e aprender sem a relação professor-aluno, uma relação em que ambos assumem-se como sujeitos e que seja encarada como dialógica, posto ter como princípio o respeito ao outro.

Ser sujeito implica gostar de si, perceber o que somos e o que o outro é; isso ocorre nas relações, que são construídas no cotidiano e que necessitam constantemente serem refletidas. Acreditamos que essa possibilidade é um primeiro passo para a construção crítica do conhecimento, uma vez que professores e alunos passam nessa perspectiva a construir uma autonomia intelectual, o que está alicerçada na autonomia emocional de ambos os sujeitos.

É necessário perceber que nessa construção existem limitações e que devemos cuidar para não invadir o espaço do outro. É necessário, contudo, compreender que as dificuldades podem representar possibilidades para reflexão de práticas pedagógicas que se encaminham em busca da formação de profissionais crítico-reflexivos.

⁸ Crônica que enfatiza a relação eu-tu abordando o desejo de acolher; e a relação eu-isso que se utiliza do poder pelo desejo de manipular o objeto.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Celson. Como desenvolver competências em sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- CARVALHO, Marlene Araújo de. Formação de professores: a didática como um processo reflexivo. In: Olhar de professor. Ponta Grossa: UEPG, 2000.
- DEMO, Pedro. Saber pensar – 2 ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001 – (Guia da escola cidadã; v. 6)
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREUD, Sigmund. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Trad. Eudoro Augusto Macieira. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1969. Vol. XVIII. 1 CD-ROM.
- HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. São Paulo, SP. 4ª ed. Ed. Paz e Terra, 1970.
- NÓVOA, António de.(Coord.) et al. Os professores e a sua formação. 2 ed. Lisboa, Dom Quixote, Instituto de Inovação Educacional, Nova enciclopédia, 1995.
- Revista Loyola Educação, Ano I, n. 1. Agosto,2001.
- RIBEIRO, Joara Delane Sousa. O elemento humano na relação professor-aluno: as relações construídas pelos sujeitos envolvidos nas práticas didático-pedagógicas. Teresina: UFPI, 2004.
- SILVA, Rita de Cássia. O professor, seus saberes e suas crenças. In: Maria Regina Guarnieri (org.). Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da adolescência. São Paulo. Autores Associados, 2000.